

# O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Director: ALEXANDRE ROSADO DA CONCEIÇÃO

Editor: J. A. SILVA COELHO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE LTD., C. da Ajuda, 176, Telef. B. 81757

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA**

Redacção, Administração, Composição e Impressão:  
CALÇADA DA AJUDA, 176 - LISBOA

**D**O nosso prezado amigo e anunciante Ex.<sup>mo</sup> Sr. Abel Gomes, recebemos um documento bastante elucidativo acerca duma ocorrência a que a imprensa diária se referiu ultimamente e que depois das respectivas investigações da policia, ficou demonstrado nenhuma responsabilidade poder ser atribuída á conceituada farmácia de que este nosso bom amigo é proprietário, o que bastante nos apraz registar.

Contado, porque se trata dum documento de interesse público e ao mesmo tempo porque contribui para afastar qualquer dúvida que ainda pudesse existir, dar-lhe-bemos publicidade no próximo número, visto nos ter chegado muito tarde para o inserirmos no presente.

**P**ARA os bôdos distribuídos pelo Natal, recebemos das Juntas de Freguesia da Ajuda e Belém, respectivamente 5 e 2 senhas, para os nossos protegidos.

Também com igual destino, recebemos 5 senhas do nosso amigo António Teixeira.

A todos endereçamos o nosso maior agradecimento.

**A**FIM de comemorar o 36.º aniversário da sua fundação, está em festa a Sociedade Musical 1.ª de Janeiro de 1901, tendo-se realizado ontem uma sessão solene que foi fartamente concorrida.

Parabéns á prestimosa colectividade e parabéns aos seus corpos gerentes e consórcios que tanto têm trabalhado para o seu engrandecimento.

**C**OM os desejos de Boas Festas, recebemos os cartões seguintes:

Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Belém; Centro Literário Excelsior, de São Paulo, Brazil; Biblioteca dos doentes do Sanatório Marítimo de Gelfa; Federação das Sociedades de Educação e Recreio; Ex.<sup>mos</sup> Srs. João Eduardo Farinha, Anibal Pinheiro, Francisco dos Santos, Augusto de Souza e Júlio Gonçalves Cesar.

Para todos, vão os nossos agradecimentos, com os desejos de feliz ano,

## Muito pode, quem quer

ADAGIO POPULAR

O Jardim Botânico da Ajuda, aquele lindo recreio das pessoas reais, em tempos idos; foi durante vinte e tantos anos, uma coisa abandonada, e vedada, ao público.

Parecia um matagal, e as suas estufas estavam derancadas e sem vidros.

Dizia-se, que eram precisas algumas centenas de contos, para o pôr capaz de se ver.

Pois um dia, tomou conta dêle, um Homem enérgico, sem ser ríspido, novo e cheio de vida, o ilustre professor catedrático do Instituto Superior de Agronomia, sr. André Navarro, e em pouco tempo, e gastando uma bagatela, com a verba calculada, estava tudo desbravado, e tornado num brinquinho, como estivera outrora.

Pena é, não ter sido substituída, por um gradeamento, aquela muralha da China que veda a vista a quem passa pela Calçada do Galvão, e que não tenha mesmo um portão de entrada por aquela artéria. Confiamos que um dia terá.

Causa admiração a todos que ali vão, que bem podiam ser mais, porque a entrada é franca e gratuita, e a gente sente-se ali bem.

Mas o nosso povo, parece não ter a verdadeira noção do benefício que colhe da sua permanência nos jardins. Não segue os exemplos que nos dão os povos mais civilizados do que nós. Prefere frequentar locais menos apropriados.

(Continua na página 8)

## “O Comércio da Ajuda”

e os seus anunciantes

Abel Diniz d'Abreu, Ltd.  
Agencia Miguéis  
Albano Machado  
Amândio C. Mascarenhas  
António Alves de Matos, Ltd.  
António Duarte Resina  
António Lopes Marques  
Casa Belmira  
Clinica Dentária da Ajuda  
Corporação Mercantil Portuguesa, Ltd.  
Farmácia Mendes Gomes

Farmácia Sousa  
Foto-Cinema  
Francisco Duarte Resina  
Gráfica Ajudense, Ltd.  
J. J. Caetano,  
José Vicente d'Oliveira & C.  
Libanio dos Santos  
Libreiro, Ltd.  
Manuel Cordeiro  
Santos & Brandão  
Sociedade Geral de Cinemas

desejam aos seus colegas, colaboradores, anunciantes, amigos, clientes, freguezes, frequentadores e ao Público, Boas Festas e um Novo Ano próspero.

**N**o passado dia de Natal efectuou-se no Colégio Insulano, uma encantadora festa promovida por um grupo de alunas que deu motivo a serem contempladas com brinquedos e roupas, algumas crianças pobres da nossa freguesia.

Acompanhando o cartão de convite que nos foi oferecido, recebemos também uma senha para uma criança por nós protegida, que muito agradecemos.

**D**O ilustre capitão e engenheiro Ex.<sup>mo</sup> Sr. Joaquim Gomes Marques, recebemos uma gentilíssima carta, participando-nos ter deixado de residir em Ajuda, donde leva gratas saudades.

O nosso amigo, que foi prestigioso 2.º comandante do Bombeiros, onde realizou importante trabalho, confessa-se muito grato para com os habitantes da nossa freguesia, de quem só recebeu provas de consideração e aos quais, oferece o seu préstimo.

«O Comércio da Ajuda», cumprimenta S. Ex.<sup>a</sup> porque nutre a maior estima e orgulha-se de o poder contar no número dos seus amigos.

**E**NTROU no 6.º ano de publicação o brilhante colega «Ecos de Belém», órgão valioso dos interesses da vizinha freguesia, à qual tem emprestado assinalado préstimo.

Ao seu distincto director, nosso prezado amigo e camarada Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Bastos Nunes, bem como á Empresa proprietária, redactores e colaboradores, apresenta «O Comércio da Ajuda», o seu cartão de felicitações, com os desejos bem sinceros das maiores prosperidades.

**C**ORRESPONDENDO ao apêlo que no anterior número fizemos aos nossos leitores, recebemos os seguintes donativos destinados aos infelizes que protegemos:

D. Eduarda e Manuel Feijão, viúva e filho do nosso saudoso amigo Vicente Feijão, 20\$00; Anibal Pinheiro, 2\$50; Francisco dos Santos, 2\$50 e Augusto de Sousa, 2\$50.



## Antonio Duarte Resina

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

### VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade a preços razoáveis

## ABEL DINIZ D'ABREU, L.<sup>DA</sup>



### PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: R. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE 81520

## De Relance...

Se algum dos três leitores — *não mais serão* — dos nossos pobres escritos, julgou ver na critica que fizemos, no último número deste quinzenário, e nesta secção, ao mau funcionamento do relógio da Ajuda, alguma censura à pessoa encarregada de o fazer girar, enganou-se.

Não costumamos amesquinhar, quem trabalha, é muito menos, quando trabalham por pouco dinheiro, como o sr. António Mendes Hortêncio, a pessoa incumbida daquele serviço.

Já sabíamos de há muito, que a culpa não era sua, que há onze anos apenas tomou conta dele, em pior estado que está hoje, por quanto o mal já vem de longa data, e disso nos certificamos na recente visita que ali fizemos.

Logo à entrada se nota um grande desleixo, da parte de quem tem o dever de olhar por aquilo.

No chão, abandonado como coisa inútil e sem valor, o sino que em 15 de Março de 1934, há quasi três anos, caiu lá de cima, não fazendo vítimas, por milagre. E lá em cima, no último pavimento, no 5.º, está outro sino apeado, por se terem partido os engates.

Por isto se avalia tudo o mais!

Depois de subirmos 67 degraus, por uma lóbrega escada de pedra, em caracol, achamo-nos no 4.º pavimento, onde se encontra a máquina do relógio, e onde se dá corda, que consiste em fazer elevar até ali — *que são uns 15 metros* — por roldanas movidas a braços, os três enormes pesos que compõem o relógio, um dos quais está amarrado por arames por se terem partido os engates, há meia dúzia de anos.

E' necessário fazer aquela operação de 24, em 24 horas, porque não tendo o relógio corda para mais de 28 horas, os pesos tocariam o solo, e pararia por conseguinte o seu movimento.

Aquele trabalho, que nós tivemos ocasião de presenciar e avaliar, porque também fizemos mover a manivela das roldanas, é muito violento.

São precisos oito a dez minutos para elevar cada um, isto é, quasi meia hora, para elevar os três pesos, e chega-se ao fim extenuadissimo e a suar em bica, mesmo nestes frios dias de inverno.

O que será no verão avaliam-no bem, os vossos leitores!

Foi-nos então indicado o que motiva as constantes desafinações.

Para que o relógio funcione regularmente, é indispensável que tódas as peças que o constituem estejam bem justas; e é isso que não sucede, e não admira. Os 140 anos de uso, e o abandono a que tem estado votado por vezes, algum dano lhe produziriam, por melhor que fôsse o material empregado, e por mais perfeita que fôsse a sua construção. Até os ponteiros sofrerem com isso. Não estão imobilizados, como nós dissemos e julgavamos, mas como as peças que os prendem estão lassas, basta um bocado de vento mais forte, para os fa-

zer oscilar, indicando horas certas só por mero acaso.

Impõe-se portanto uma reparação geral àquilo tudo, a que as entidades competentes não se podem recusar, porque está reconhecida a sua utilidade e porque não devem deixar estragar o que resta de bom.

Após a queda do sino em 1934, e de terem apeado o outro sino que estava em cima de um andaime já meio apodrecido, projectaram-se grandes reparações, incluindo a parte exterior, que bem precisa; mas afinal, resumiu-se tudo em reforçar os engates dos sinos que ainda estavam pendurados, mas ameaçando cair também, e em substituir a porta de entrada, por outra mais bonita.

Julgando esclarecido o motivo porque o relógio não funciona bem, vamos reproduzir o que a seu respeito já disse, nas colunas deste quinzenário, o nosso querido amigo Sr. Alfredo Gameiro, transcrevendo, primeiro o que diz Alfredo Mesquita, na sua interessante obra «Lisboa ilustrada», quando se refere àquela local:

*«E' muito elegante a Torre, e algum relêvo dá ao edificio real. E' Lisboa muito desprovida de torres que façam sobresair a perspectiva da cidade e como que lhe deem mais nobreza. A Torre da Ajuda, enobrece aquele sitio e tem mais a vantagem do seu relógio público.»*

A rainha D. Maria I incumbiu o architecto das obras reaes, coronel Manuel Caetano de Sousa, de construir a torre, em substituição da que existia feita de madeira, junto da capela, onde em Maio de 1792, se instalou a Patriarcal. Da execução do relógio foi encarregado o mestre José da Silva Mafra, relojoeiro do convento de Mafra, artista habilissimo, que o pôs a trabalhar em 8 de Setembro de 1796, e que dele ficou cuidando, com inextinguível zêlo, enquanto o podesse fazer, sendo substituído por seu filho, que usava o mesmo nome do pai, o qual por seu turno foi também

(Continua na página 7)

## Moveis, Estofos e Decorações

Não basta adquirir mobília,

é sempre preciso bom gosto

ESPECIALIDADE DA CASA

### Manuel Cordeiro

\*\*\*\*\*

Facilitam-se pagamentos

\*\*\*\*\*

Secção montada para fornecimento para toda a Província

\*\*\*\*\*

Rua de Belém, 80 e 82

TELEFONE 81237

LISBOA

## LIBREIRO, L.<sup>DA</sup>

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 — Telefone 81427

LISBOA

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros ..... Vinhos finos e de mês

LICORE E TABACO

## Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA  
SOLDADURA AUTOGENIA

Construção aperfeiçoada de ferragens para fornos de padarias, do mais moderno sistema e fogões em todos os generos

R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA — Telef. 81496



# PALATINO

R. Filinto Elísio (a Santo Amaro) – Telef. 81099

Espectáculos todos os dias = Matinéas aos domingos e feriados  
O melhor, o mais amplo e o mais confortável cinema da parte ocidental da cidade

## APRESENTA

Sábado 2 e Domingo 3, ás 21 horas – Domingo 3: Matinée ás 15 horas  
o seu grande primeiro filme para inauguração da época colosso dêste cinema

# DOIDO COM JUÍZO

Os transe de um joven provinciano a quem um tio excêntrico lega vinte milhões de dólares, e que é acusado de louco por distribuir, pelos pobres e famintos, todos os seus bens. Um grandioso exito da actual temporada, com os consagrados artistas GARY COOPER e JEAN ARTHUR

# O NAVIO MISTERIOSO

Um empolgante filme de misteriosas aventuras, com o notável desempenho dos excelentes e apreciados artistas NOAH BEERY e ASTRID ALLYN

## AOS FREQUENTADORES DO PALATINO

Esta magnifica casa de espectáculos, adquiriu um grupo de filmes de grande categoria, que apresentará em estreia no bairro. Além dêstes contratou ainda outros de grande exito que apresentará em 2.<sup>a</sup> reprise. Assim, afirmamos ao público que, no Palatino, serão exibidos todos os grandes filmes, antes ou depois dos outros cinemas concorrentes.

## FILMES A EXIBIR DURANTE O CORRENTE MÊS

Dias 4 e 5: *Cavalaria ligeira* e *O segredo dos Woronzeff*.

Dias 6 e 7: *Caras falsas* e *Dedé & C.<sup>a</sup> Ilimitada*.

Dias 8 a 10: *Shirley, anjo do farol* e *Mil vezes obrigado*.

Dias 11 e 12: *Parada maravilhosa* e *Vila Villa*.

Dias 13 e 14: *Uma noite de sonho* e *Folies Bergeres*.

Dias 15 a 17: *A grande ofensiva* e *As ruivas estão na moda*.

Dias 18 e 19: *Melodia da vida* e *A ambição do ouro*.

Dias 20 e 21: *A voz da selva* e *A secretária e os milhões*.

Dias 22 a 24: *Tortura dum pai* e *Sob duas bandeiras*.

Dias 25 e 26: *Maternidade* e *O baile do Savoy*.

Dia 27: *O Trevo de 4 folhas*.

Dia 28: *Festa do União Lisboa*.

Dias 29 a 31: *A mina roubada* e um filme de categoria a exhibir primeiro noutro cinema concorrente.

A seguir: *Rosas negras*, (*Festas de Carnaval, com cinema, variedades e bailes*), *Anjo da noite*, *A secretária de meu marido*, *Revolta na Bounty*, *Pasteur* e outros grandes filmes que não podemos ainda anunciar ao público.

**ATENÇÃO: Podemos afirmar sem receio de desmentido que o Palatino é frequentado diariamente por muitas dezenas de senhoras e que os seus programas são cuidadosamente organizados.**

Só com bons espectáculos se consegue muito público



Se queiréis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las nos estabelecimentos de

# FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. 81551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telef. 81552 (antiga Merceria Malheiros)

que ai encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Até menos a título de curiosidade faz uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, e que o seu proprietário agradece.

## A árvore de Natal

Maria da Graça deveria contar oito anos de idade. O seu retrato é simples de traços. Um lindo botão de rosa viçoso, perfume encantador. Espírito alegre, franqueza lhana, bondosa em demasia. Trata-na por Mariazinha. Esperta e ladina não deixava seus créditos por mãos profanas.

Causava admiração os predicados que possuía. Tinha apropósitos sensatos e raciocínios profundos que brotava da sua mentalidade precoce.

Um fruto amadurecido antes de tempo...

Era o enlêvo e o tesouro de seus pais e simpática aos que com ela privavam.

Como se estivesse na véspera da Natividade e Mariazinha pensasse em guarnecer um tronquinho de pinheiro com as bugingangas apropriadas ao acto e lhe faltassem os meios necessários para adquiri-las facilmente concebera uma excelente ideia.

Enfeitaria a sua arvore de Natal fosse como fosse.

Seria admissível a censura, mas Mariazinha não achava mal a acção que idealizara. Iria pô-lo em prática e tinha a certeza de que resultaria profícua.

Estava no limiar a Noite do Natal,

a noite da consoada, o prelúdio convencional da reunião da família.

Talvez por um sentimento caritativo da época, admitia os variados apelos que se faziam para a recolha de donativos a fim de minorar a situação de muitos necessitados nesse dia festivo. Pensava que haveria muitos lares sem uma nesga de felicidade, sem um sópro de alegria nem carinho como aquele onde habitava.

Como seria a consoada para essa avalanche de enfeitados da sorte — que o destino deserdera — derreados a poder da privações e sofrimentos?

Consoada!  
Haveria os que se refastelavam na abundância do repasto, num prazer infundo e em esfuante de leite, e outros nas galés da miséria e da doença, falhos de uma migalha, de um presente ou de um mimo para os filhos na grande noite.

Quantas oriaças embevecidas a contemplar as montras guarnecidas de brinquedos; quantas numa ansiedade e os seus olhitos penetrantes de cubica a admirar o presépio simbólico, a Arvore de Natal pejada de tudo quanto era o seu desejo, enlêvo e aprêço.

Almas inocentes e ingénuas, que crenças na consoada do Menino Jesus,

colocam na chaminé, o sapatinho querido, na esperança dumha prenda...  
Mariazinha meditava no contraste da sua infima situação em relação a muitas outras crianças...

A sua diferença era tam profunda como a noite do dia.

Antevia dum lado a abundância regorgitando provocante e do outro a necessidade campeando infreoe. Ali reluzindo a pompa com seu estendal de iguarias, aqui ressaltando a preciação em extremo na escassez do mais indispensável.

Em litígio: o confronto magnífico com o murmúrio desolador; a alegria jubilosa dos rostos com a tristeza sombria dos olhos.

Haveria os bem agasalhados de corpo e os de estômago bem provido, em flagrante contradicção com os das carnes sujeitas ás mais duras intempéries e sem códea para enganar a fome; haveria aqueles que vivem num ambiente confortável e aquecido com os outros que vegetam toda a sua vida na promiscuidade e na miséria...

Mariazinha com as suas cogitações antevia já, muita lisongeira, remoçar a sua arvore de Natal. Não podia contar com o auxilio dos seus progenitores por serem pobres. Ele viria doutra proveniência.

O seu cérebro brotara a indispensável luz.

(Conclue na página 7)

DIR-SE-IA que uma horrenda praga havia caído sobre aquelas terras. O trigo escasseara; um vento áspero tinha dispersado as flores do arvoredo, que por esse motivo não dera frutos, e as vinhas, queimadas por um sol ardente como o da Arábia, jaziam amarelecidas e mortas.

Quando, em época própria, foi preciso revolver as terras, preparando-as para novas plantações, a chuva, uma chuva impertinente e por vezes torrencial, da tal modo inundara os campos, que toda a acção dos entulhadores se tornava impossível. Os lavradores sofriam nos seus naturais interesses com a inclemência daquele amaldigoado tempo, e nos lares dos pobres trabalhadores o espectro da fome assentara já os seus arniais.

Bem se cansava o bom cura, à hora da missa aos domingos, em incitar os abastados a socorrer os famintos, e a aconselhar a estes a resignação e paciência para

suportarem as agruras da sorte. O auxilio dos ricos não chegava a todos, e, acossados pela miséria em que viam definir os filhos, alguns daqueles homens rudes insurgiam-se contra as desigualdades sociais, e, particularmente, contra o maior e mais rico dos lavradores do sítio, o Sr. Jerónimo, proprietário de vastos terrenos, cuja fortuna se dizia ascender a muitas centenas de contos, mas que, encerrado na sua avareza sem limites, era incapaz de dar uma esmola ou associar-se a qualquer manifestação de caridade.

— O que éle precisava era que lhe deitassem fogo à casa — dizia às vezes o Pedro Carucho, um dos mais exaltados, quando lamentava a sorte da mulher e dos seus quatro filhos ainda pequenos.

— Não digas asneiras — redarguim os mais moderados. — O que se ganhava com isso?...

E com um encolher de ombros concluíam:  
— Aínal... o que é dêle é dêle. Que o coma! Nem por isso está mais gordo.

Com efeito assim era. A magreza do Sr. Jerónimo corria parelhas com a da sua única e velha serva, o que deu lugar ao dito picaresco que no sítio corria: — Naquelle casa só a burra engordava.

Era, porém, vulgar que ás censuras feitas ao procedimento do Sr. Jerónimo succedessem os louvores ao genro dêle, o João da Quinta, um excelente rapaz que, embora muito inferior ao sogro no que dizia respeito a bens de fortuna, era um coração aberto a todas as des-

venturas. Esse sim, esse é que merecia bem o respeito e a gratidão de toda a aldeia.

Bastantes vezes o Sr. Jerónimo o inectivava pelas suas liberalidades com os pobres, ao que João respondia, sorrindo benevolente:

— Descanse, que aquillo que dou não há-de fazer falta à sua filha, nem ao meu Mariosinho. Deus protege os bons, e antes quero os agradecimentos dessa pobre gente, do que vê-los de punhas cerradas contra mim.

Na véspera do Natal, tãz havido em casa do Sr. Jerónimo uma grande actividade. A tia Tereza, a tal criada velha que o servia e ficara dirigindo a casa depois do falecimento da ama, andara todo o dia numa roda viva. Ela, que era já um tanto trôpoga, rubugenta e dorminhoca, a ponto de, à noite, começar cinco e seis vezes a reza do seu zôrião, visto adormecer logo à terceira ou quarta Ave-Maria, naquella dia tinham-na visto entrar e sair inúmeras vezes da casa ao lado, onde residia o João da Quinta com a esposa e o filho, e com o auxilio da criada dêstes, transportar grandes embrulhos e até pesados fardos. O caso chegou a intrigar o mulherio curioso da vizinhança, mas ninguém conseguiu descobrir do que se tratava.

Perto da meia noite, a maior parte da gente da aldeia se dirigiu para a igreja, situada no extremo do povoado, a fim de assistir à tradicional missa do galo. Para lá foram também o João da Quinta com a esposa e o Sr. Jerónimo, que, a pesar-de arisco a digressões fora de hora, achou todavia útil aproveitar aquella distração que não custava dinheiro.

Gráfica  
Ajudense

TIPOGRAFIA

PAPELARIA

com sessões de

Tabacaria

Perfumaria

Livraria

Artigos escolares

Calçada da Ajuda, 176

TELEF. 81757

2\$50

é o preço por que a

Gráfica Ajudense Ltd.

vende uma caixa

de optimo papel

para carta com 50

folhas e 50 envol-

pes, forrados inte-

riormente.

Verdadeira pechincha!

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS  
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR  
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

## A UM SONHADOR

De todas as espécies que se geram, nascem, vivem e morrem à superfície da terra, a mais variada e complicada é a espécie humana. A sua complicação torna-se mais profunda quanto mais a pretendemos analisar.

Esta variedade e complicação refere-se à psicologia e não a raças, côres ou idiomas usados.

Nesta espécie, é o homem ainda quem maior complicação nos apresenta.

Não é à primeira vista de fácil observação a sua psicologia, mas também não é necessária muita prática de vida para se poder fazer uma análise cuidada e completa. Basta que deparemos com as espécies-módelos e que, de perto, possamos analisá-las, para avaliarmos concretamente os seres mais grandemente atrofiados, ou por hereditariedade, ou por instintos adquiridos, ou ainda por crassa matéria cerebral, normalmente constituída.

Temos os *matulões-sanguessuga*, que, à margem do corpo e idade que têm, vivem encostados à sorte da irmã que conseguiu consorciar-se — oficial ou materialmente — com um bonacheirão a caminhar para os sessenta e que tem um razoável *pé de meia*.  
Temos os *meninos-bonitos* — os sem-

chapéu, de meias mangas, de peúgos enrolados, de unhas polidas — que nada sabem fazer nem dizer, a não ser, discutir qual o melhor perfume, qual a *vamp* que tem mais *sex-appeal*, e que dão bastante baixa nas algebeiras do papá ou na mala da mamã, para comprarem *harak's*.

Esta espécie abunda quanto maior for o meio e onde existam os pais mais criminosos — pois é um crime subsidiar a vida balôfa e de futuro perigoso, dêsses *galãs da vida*.

Temos os *homens-pulgas* — termo inédito — pois as pulgas em toda a parte conseguem penetrar, unicamente com o fim de morder.

Esta espécie, usa de todos os processos e artimanhas para levar a cabo os seus fins.

Inventam, crimina, adulam, deixam ficar em plano inferior a dignidade — se a conheceram — unicamente para levarem de vencida a sua ferroada.

Há-os nesta espécie que, cheios de infundadas ilusões e com fantásticas pretensões, saem da sua esfera, sobem por teias de aranha, mas como a teia é fraquíssima, vêm cair numa esfera mais inferior do que a primitiva. Porém — e aqui está uma das características desta espécie — não quebram o aprumo sonhado, não largando as

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.<sup>DA</sup>  
Rua das Casas de Trabalho, 177 a 183  
LISBOA

GENEROS ALIMENTICIOS DE BOA QUALIDADE  
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

armas, continuam a falar do ausente para agradar ao presente, inferiorizando quem não tem o estômago capaz de digerir toda a espécie de posições por que õles passam, somente para não cairem dum pedestal constituído com areia e água e idealizado num sonho cheio de vaidade, ignorância e peçonha.

Há também aqueles que nasceram para sempre lutarem com as espécies perigosas mas que, sempre que as circunstâncias o exijam, usam as armas da verdade para combaterem e aniquilarem os desviados da rota que o destino lhes marcou.

Harpagão Júnior

## O meu Natal

Tudo folga e sorri na convivência Do íntimo concheço puro e santo, Sob o teto comum já onde tanto Prazer se disfrutou, com vecemência.

Um outro dia igual, mas já passado Me ocupa a triste mente enfebreçada, Porque não vejo assim já reunida A família, em meu lar tão afastado.

Olho em roda! .. O Natal que tive outrora Passou... bem como passa o rit d'aurora, Cercando-me uma eterna soledade...

Mas conservo no livro da lembrança Esse dia que foi uma esperança, Sendo hoje o meu Natal... uma saudade!...

Ajuda, 24/12/1936.

Armando Marques Pereira.

Nova Padaria Taboense

DE

### ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para serem as suas condições higiénicas

R. das Mercês, 118 128—SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz  
TELEF. 81656—AJUDA—LISBOA

Favorita Ajudense

DE

### J. J. CAETANO

Completo sortido de Figueira, Retiro, Rospéria e Gravaria  
Artigos Escolares — Material electrico  
GRANDES PECHINCHAS—OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO  
167, Calçada da Ajuda, 169  
TELEFONE 81456



## Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia \*\* Forjas \*\* Caldearia  
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE 81207

## Farmácia Mendes Gomes

Director técnico — JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Dnimo

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA — Todos os dias ás 17 horas  
PEDRO DE FARIA — Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas  
ALVES PEREIRA — 4.<sup>as</sup> feiras ás 9 h.

Serviço nocturno às sextas-feiras

Calçada da Ajuda 222 — LISBOA — Telef. 81456

bada agora pelos vapores do alcool, abriu de todo a porta e entrou. Tinha na sua frente um comprido corredor, no fim do qual estava situada a casa de jantar, frouxamente iluminada, mas que o Pedro muito bem conhecia, por ser ali que o Sr. Jerónimo costumava pagar, ao sábado, a jorna aos trabalhadores.

Avançou até junto da mesa. A claridade proveniente de um candeeiro de petróleo, cuja luz era amortecida por largo *abat-jour* de seda amarela, o Pedro lançou o olhar esgaseado sobre toda a opulência daquela casa de pessoa abastada, e prendeu-lhe a atenção uma rica floreira de prata cinzelada colocada sobre um dos aparadores. Aquele objecto luxuoso de certo valeria o pão de muitos dias para os seus filhos! Para que havia de estar ali aquilo, que a seu ver era uma coisa inútil, servindo apenas de recreio aos olhos do seu possuidor, enquanto elle, a mulher e as crianças se debatiam na miséria?... Demais, ouvira já dizer que a riqueza era património de todos... e, portanto, podia levar a sua parte!

Era assim que a embriaguez o fazia raciocinar, e, perdida a consciência da gravidade do acto que ia praticar, e das suas fatais consequências, o Pedro deitou a mão à floreira.

Conteve-se, porém, repentinamente. Viu na sua frente agitar-se um reposteiro, e teve medo de ser surpreendido. Mas o receio ainda mais se avolumou, transformou-se até em espanto, em terror que o fez estremecer dos pés à cabeça. Com as fontes a latejar, o peito oprimido, os olhos desmesuradamente abertos, a agitar as mãos como se tentasse afugentar uma visão fantástica, o Pedro sentiu fraquejarem-lhe as pernas, e caiu de joelhos verdadeiramente aniquilado.

E' que vira surgir, por detrás do reposteiro, uma cabeça de criança adoravelmente linda, coroada por graciosos anéis de cabelos extremamente louros, em que a luz amarelada do candeeiro punha reflexos do mais puro ouro.

Turvado pelo vinho, desnordeado pelas fortes sensações que lhe agitavam o espirito, e ainda sob a impressão do último gracejo do companheiro da taberna, o Pedro viu naquela criança, que inesperadamente o surpreendia, o Menino Jesus, a quem no caminho dirigira improperios, e ali surgia agora para o confundir e castigar pela sua acção indigna e vil. E quasi rojava a fronte pelo chão, quando a criança por completo se mostrou, com o corpinho gracioso envolto na sua larga e comprida camisa branca de neve, mal lhe deixando a descoberto os pésinhos nus, e denunciando no rosto de angelical beleza uma expressão estranha de surpresa e desapontamento.

Mas o Mariosinho, porque era elle, que os pais haviam deixado ali entregue à velha dorminhoca enquanto iam assistir à solenidade na igreja, depressa se refez do espanto, e, a sorrir, aproximou-se do Pedro dizendo:

— Ora esta!... Cuidei que era o Menino Jesus que andava por aqui... e afinal é o Carochinho!

Não se descreve a brusca agitação que d'este se apossou ao ouvir tais palavras. As comoções experimentadas desde a sua entrada ali haviam sido tão violentas que por completo lhe tinham dissipado os fumos da embriaguez e reconheceu, emfim, a criançainha que já várias vezes afagara. Quiz erguer-se, e parecia que uma força misteriosa o mantinha naquela posição humilde, quiz falar e a voz prendeu-se-lhe na garganta.

E o pequeno, como se tivesse finalmente achado a explicação dum facto que o intrigava, exclamou a rir:

— Ah! Já sei porque estás aqui. Vens buscar a tua parte, não é verdade?

Dum salto, o Pedro pôs-se então de pé. Como era que aquella criança adivinhara o seu pensamento intimo?... E titubeou:

— Sim... vinha pela minha parte... mas...

— Pois vem buscá-la — atalhou o pequeno. — O paizinho disse que seria eu quem entregasse tudo... e portanto vou já dar-ta.

E agarrando-o por uma das mãos, encaminhou-o após si até uma sala, onde, sobre larga e comprida mesa, se viam alinhados grandes sacos de papel inteiramente cheios, e no exterior dos quais estavam escritos vários nomes.

— E' este o teu — disse o Mariosinho, apontando o mais volumoso de todos elles. — E' o maior porque tens mais filhos.

E com um gesto encantador, acrescentou:

— Pega-lhe tu... que eu não posso.

Maquinalmente, o Carochinho deitou a mão ao sacco. Era, de facto, pesado, e por isso o pousou no chão; mas, ao fazer este movimento, viu tão perto de si o rosto belo da criança, que não resistiu à tentação de a apertar ao peito; e de joelhos, cingindo-a pela cintura, beijando-lhe as mãozinhas mimosas, ao mesmo tempo lhas humedecia com grossas lágrimas que dos olhos não conseguia suster.

Foi a esta cena de patética ternura que os pais e o avô de Mário assistiram estupefactos, ao chegarem à porta da sala. E o pequeno, ao vê-los, correu para o pai numa expansão de intimo e profundo contentamento, explicando:

— Olha, paisinho, o Pedro passou por aqui, entrou, e eu...

O Carochinho interrompeu-o, porém, e dirigindo-se ao João da Quinta em atitude humilde e receosa:

— Perdê-me, Sr. João, perdê-me. Eu vinha tonto, tinha bebido demais; passei por aqui, a porta abriu-se quando lhe toquei, nisto lembrei-me dos meus filhos... tive uma tentação...

Não foi difficil ao João da quinta compreender, pouco mais ou menos, por esta vaga explicação, o que se havia passado, e não o deixou continuar.

— Fizeste bem em vir, Pedro, fizeste bem. Já vês que não estavas esquecido. E aproveitó a ocasião para te dizer que, amanhã de manhã, espero os teus quatro filhos para almoçarem com o Mário.

— Tão mal vestidos — observou o Pedro timidamente.

## Clínica Dentária da Ajuda

C. da Ajuda, 183, 2.<sup>o</sup>-Esq.

Consultas das 10 ás 12  
e das 14 ás 19 horas

Prótese em ouro e vulcanite pelos  
mais modernos processos

PREÇOS MÓDICOS

— Venham como puderem. Quero que o meu filho se habitue a tratar os pobresinhos como se fôsem seus irmãos.

O Pedro saiu levando o sacco que lhe tinha sido destinado, e o Mário, que batera palmas de contente ao saber que teria tão agradável companhia ao almôço, voltou para a sua caminha, não sem ter dado quatro repenicados beijos nas faces enrugadas da velha que ainda dormia a sono sóto, e que, despertando estremeada, dizia:

— Esteja quieto! Que tal está o demonico!

Demonico, ôle, que momentos antes fôra tomado pelo próprio Menino Jesus!

O Sr. Jerónimo, que assistira silencioso a toda a interessante cena, sem compreender a manifesta generosidade do genro e a attitude comprometida e humilde do Pedro, a quem conhecia como criatura agreste e exaltada, teve difficuldade em conciliar o sono durante o resto da noite, porque uma emoção inexplicável o dominava. Assim que o Mariosinho lhe saltou ao pescoço a dar-lhe o beijo matinal, submeteu-o particularmente a um minucioso interrogatorio. E, ao ouvir da boca daquela criança, que era o seu enlêvo de velho, a narrativa ingénua e inconsciente de tudo que se passara, fez-se emfim luz no seu espirito. A porta estava apenas encostada, porque a velha Tereza tivera receio de não ouvir o retinir da campainha quando o amo voltasse. O Pedro, embriagado, entrou certamente com más intenções, e a illusão produzida pelo aparecimento do pequeno impediu que um homem até ali honesto e honrado se transformasse em criminoso.

Num relance o Sr. Jerónimo mediu toda a hediondez da avareza, e na sua alma desabrochou uma flor que jamais ali encontrara terreno propício. Essa flor ainda mais se desenvolveu e coloriu quando, à hora marcada, todos os chefes de familia mais pobres do lugr, a quem o João da Quinta previamente enviara convite, vieram receber a dádiva que lhes estava consignada, e que o pequeno Mário entregava a cada um com a gravidade de quem está absolutamente senhor do alto papel que desempenha.

Não fôra sem segunda intenção que o João da Quinta, alegando a exiguidade da sua casa, pedira ao sogro autorização para que na dêle, mais ampla e apropriada, fôsse levada a efeito a generosa cerimónia. O expediente surtiu efeito, porque assim conseguiu comover o coração do velho avarento, já abalado pela narrativa do neto, comoção que mais profunda se tornou ainda quando o bom cura, em sentidas e sinceras palavras, falou às almas rudes daquela boa gente, mostrando como Jesus viera ao mundo para ensinar os homens a serem compassivos e caridosos.

E aqui está como uma cena de pura illusão, sob a influencia do nascimento do Redentor, produziu verdadeiros milagres e pôde dar tão beneficos frutos. O Pedro Carochinho foi providencialmente salvo de cair nas malhas nefandas do crime e nunca mais o ouviram vociferar contra as desigualdades entre os homens, que afinal só as paixões separam, e o Sr. Jerónimo transformou-se, de egoista e duro, numa criatura atável e sempre pronta a acudir ás desgraças dos seus semelhantes. E dali em diante tão bem se sentia com a sua consciência que — dizem no sitio — até engordou.



# CASA BELMIRA

CHAPEUS PARA SENHORAS E CRIANÇAS,

— A PREÇOS BARATÍSSIMOS —

Tinge e transforma. Tem sempre as últimas novidades. Aplicações nacionais e estrangeiras  
Grande sortido em feltros e boinas

Rua Coronel Pereira da Silva, 15 (Bairro Económico da Ajuda)

## A árvore de Natal

(Continuado da página 4)

Numa tira de papel escrevera meia dúzia de palavras. Pausadamente, com um sorriso a bailar-lhe nos lábios, foi soletrando as sílabas da solução encontrada do problema...

Bastava pô-lo em prática.

Alegando ir estudar em casa duma sua condiscipula, conseguiu a devida autorização. Saiu contente, jovial e confiante.

O primeiro traseunte que se lhe depapou na rua, um tanto ou quanto hesitante e receoso, dirigindo-se-lhe meigamente nos seguintes termos:

— Faz-me favor de ler este bilheteinho!

Uma rápida interrupção para a sua leitura, a mão ao bolso e a entrega de uma pequena dádiva juntamente com o bilhete que dizia no seu texto:

«Peço a V. Ex.<sup>a</sup> o especial favor de ajudar-me com qualquer coizinha para enfeitar a Arvore de Natal do Menino Jesus. — *Mariazinha*.

E assim, Maria da Graça conseguiu amealhar um razoável pecúlio, — às escondidas dos pais, — para festejar a consoada e engalanar a sua Arvore de Natal...

Lx. 18/12/936.

*Carlos Inubia.*

## DE RELANCE...

(Continuado da pág 2)

substituído por um filho, António Júlio da Silva Mafra, neto do construtor, e que faleceu aí por 1866.

Não sabemos quem lhe sucedeu, mas sabemos que há quarenta e tantos anos, estava entregue ao Sr. Francisco das Neves Piedade, falecido há poucos dias, que auferia treze tostões por dia, como mestre, que era, das Obras Públicas, para cuidar da afinação do relógio, dos elevadores do Palácio da Ajuda, e duns outros trabalhos de serralharia, tendo por ajudante um homem a quem o mesmo Ministério das Obras Públicas dava desasseis vintens diários, para dar corda ao relógio e deitar azeite nos maquinismos. O azeite era fornecido pela Casa Real.

Mas, um dia, acabou isso tudo, e o relógio esteve parado durante uma grande temporada, até que uma Junta da nossa freguesia, cremos que da presidência do nosso amigo Sr. António Lopes Marques, entenderam, por bem, pô-lo a funcionar, destinando 50\$00 mensais para esse efeito.

Essa quantia, nessa época, seria alguma coisa, mas hoje não é nada que pague o trabalho que o homem tem diariamente, afóra as noitadas, em que se tem de levantar da sua cama, para evitar que o relógio se ponha a dar horas até vir a mulher da fava rica, e para o óleo que emprega nos maquinismos, alguns três escudos por mês; e muito menos, se os comparar-mos com os desasseis

## António Joaquim Martins

Contando 74 anos de idade, faleceu na segunda-feira, 28, o Sr. António Joaquim Martins, antigo comerciante.

O seu funeral, realizou-se na quarta-feira, 30, para o cemitério da Ajuda, onde ficou sepultado no coval 3286.

Era pai das Sr.<sup>as</sup> D. Herminia N. Martins Pinto, D. Julia. N. Martins Correia, D. Maria N. Martins Lage, e do Sr. Horacio Joaquim Martins, e sógro dos Srs. Carlos Correia, Domingos Lage e do nosso amigo Sr. Humberto Barcinio Pinto, presidente da Comissão Administrativa da Junta da nossa freguesia.

«O Comércio da Ajuda» fez-se representar pelo nosso colaborador Sr. Francisco Duarte Resina, e envia sentidos pesames à família enlutada.

## GEWIROL

é a marca da magnífica máquina  
fotográfica que a

Gráfica Ajudense, L.<sup>da</sup>

Calçada da Ajuda, 176, vende em  
prestações de 7\$50 semanais  
com bonus

Vendem-se películas e outros artigos  
fotográficos e aceitam-se trabalhos  
de amadores

vintens por dia, de há 40 anos, cujo valor, hoje, deve andar á roda de duzentos e tantos escudos mensais.

Para uma e outra coisa, chamamos a atenção da Comissão Administrativa da Junta da nossa freguesia, crentes de que nos atenderá, e que se não o puder fazer, exigirá das entidades superiores, medidas atinentes a melhorar aquele monumento nacional.

FRESINA.

Este número foi visado  
pela Comissão de Censura

## VINHOS DE CHELEIROS



MARCA: RESINAS

Os bons vinhos desta região, encontram-se à venda nos seguintes estabelecimentos:

Rua do Cruzeiro, 109 117  
Rua da Junqueira, 293 B-293 D  
Rua Leão de Oliveira, 36 38  
Largo 20 de Abril (Calvario), 1

Calçada da Ajuda, 95 97  
Calçada da Ajuda, 154-156  
Calçada da Ajuda, 212-216  
Calçada da Tapada, 47-53

Armazem de Revenda:

1, Travessa da Ferrugenta, 3

Telefone 81551

LISBOA

## AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE 81 367

## José Vicente d'Oliveira & C.<sup>a</sup> (F.<sup>o</sup>)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 81056



# AS CHAPAS ONDULADAS LUSALITE

são a solução dos telhados

Chapas lisas para tectos e divisorias — Tubagens e depósitos para água

PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES:

**CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L.<sup>DA</sup>**

Rua de S. Nicolau, 123 — LISBOA — Telefones: 23948 - 28941

## Muito pode, quem quer

(Continuado da página 1)

Um dia reconhecerá o erro. E Deus queira que não demore esse almejado dia.

A Tapada da Ajuda, essa parcela de terreno que abrange uma grande parte das freguezias de Ajuda e de Alcantara, para onde nós principiámos a ir há bons 36 anos, encetar pequenos vôos literários, quando podíamos dispôr da nossa vontade, à sombra daqueles frondosos arvoredos, estava quasi em identicas circunstâncias.

Entregue a sua administração, ao mesmo Homem, que num ápice, transformou o Jardim Botânico da nossa freguesia, num bocadinho de paraíso terrestre, o sr. Professor André Navarro, eis que aquela parcela do Património Nacional, sofre também e rapidamente uma completa transformação.

Em pouco mais de três meses, plantaram-se ali milhares de arvores; ajardinaram-se grandes areas de terrenos, até há pouco incultos; repararam-se lagos, há muito tempo abandonados, que tiveram imediatamente a devida aplicação; cuida-se de levantar muros derruidos, e de melhorar a situação daqueles que ali trabalham.

Muito bem.

E consta-nos, que em breve, já na próxima primavera, logo que aquilo apresente o aspecto que S. Ex.<sup>a</sup> pretende, será patente ao público, sem peias, nem exigências descabidas, como já esteve.

Bem haja, pois quem assim procede, valorizando o Património Nacional, e tornando-o usufruto de todos, como é de justiça, e não de um limitado número de cidadãos, como é de uso.

Actos destes, merecem, de todos aqueles que amam a sua terra, uma eterna gratidão.

Francisco Duarte Resina.

## AGRADECIMENTO

A Junta de Freguesia da Ajuda, vem por este meio agradecer à Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Laura Viegas, moradora na rua Aliança Operária n.º 53 r/c., Esquerdo, a valiosa oferta que fez a esta Junta, de um aparelho Philips, de grande valor para ser aplicado na Cantina da Escola do Povo em organização.

Também esta Junta, quer por este meio patentear ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ernesto Nobre, comerciante da Boa-Hora, todo o seu reconhecimento pelas flanelas e mais agasalhos que se dignou enviar-nos, para nesta quadra festiva, vestirmos alguns pobres necessitados desta freguesia.

Como ofertas desta natureza são tão raras, resolveu esta Junta não deixar passar este acto tão altruista e de tão grande alcance social, e ao mesmo tempo pedir a todos os corações bondosos que o possam fazer, para que contribuam com o seu obulo, para se poder dar um pouco de alegria às creanças desprotegidas pela sorte e que se encontra na miséria.

## RELOGIOS

de pulso, de algibeira e de parede

Vendas em prestações semanais  
de 5\$00 com bonus

PRÉMIOS TODAS AS SEMANAS

Inscreeva-se desde já na

**RELOJOARIA**

DE

**Albano Machado**

C. da Ajuda, 162 - Telef. 81 236

LISBOA

Bilhetes de visita desde 4\$00 o cento

Bilhetes postais ilustrados desde \$50

C. da Ajuda, 176 — Telef. 81 757

## Farmácia Souza

Calçada da Ajuda, 170 ■ LISBOA ■ Telefone 81 329

CONSULTAS DIARIAS pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.

**Carrilho Xavier**

Doenças das senhoras  
Clínica geral e partos  
às 11 horas

**Medina de Souza**

Interno dos hospitais  
das 18 às 19,30 horas  
Coração e pulmões — Clínica geral

**VIRGINIA DE SOUSA**

Parteira pela Escola Médico-Cirurgica de Lisboa

Chamadas urgentes a qualquer hora, nesta farmácia

A manipulação escrupulosamente cuidada de todo o receituário aviado  
nesta farmácia, pode ser atestada por todos os médicos

AVIAM-SE RECEITAS DE TODAS AS ASSOCIAÇÕES DE SOC. MÚTUOS